
GRAHAM, Richard. “Alimentar a cidade: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780 - 1860)”

Lis Furlani Blanco

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3911>

DOI: 10.4000/pontourbe.3911

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Lis Furlani Blanco, « GRAHAM, Richard. “Alimentar a cidade: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780 - 1860)” », *Ponto Urbe* [Online], 22 | 2018, posto online no dia 15 agosto 2018, consultado o 22 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3911> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3911>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 junho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

GRAHAM, Richard. "Alimentar a cidade: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780 - 1860)"

Lis Furlani Blanco

REFERÊNCIA

GRAHAM, Richard. Alimentar a cidade: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780 - 1860). Tradução Berilo Vargas. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

- 1 Richard Graham inicia seu livro afirmando que "nenhuma cidade alimenta à si mesma (...) Salvador era uma grande cidade nas Américas do século XVIII. Isso nos estimula a investigar não apenas essa malha de relações comerciais, mas também o que seu funcionamento revela sobre a composição social da cidade" (p. 19). Tal afirmação se apresenta como o objetivo central da obra aqui resenhada, buscando, segundo o próprio autor, deixar de ver exploradores e explorados, pois "ao desvendar a vida de pessoas dentro de um grande universo de experiências individuais, [o autor] busca detalhes específicos, tentando compreender alguma coisa do contexto em que viviam" (p. 23). É exatamente através da história de certas pessoas que habitavam Salvador entre o século XVIII e XIX que Graham vai construindo sua narrativa. Enquanto historiador, se coloca como preocupado com as categorias que impõe "a pessoas que não necessariamente viam a si mesmas como pertencentes a elas, mas tent[a] não tirar conclusões a priori sobre indivíduos a partir dessas classificações" (p. 23).
- 2 Buscando alcançar tais objetivos, Richard Graham narra com destreza e habilidade a vida de indivíduos que de alguma maneira se relacionavam com o comércio de alimento em Salvador, tendo como fonte documentos "aparentemente improváveis", como

registros de casamento, inventários *post mortem*, e outros documentos governamentais da câmara de vereadores do município que tratavam das políticas relacionadas ao comércio e alimentação da época, bem como relatos de viajantes e cartas trocadas entre liderança e personalidades estrangeiras. Salvador vai aparecendo em nossa imaginação com o passar das páginas da obra de Graham. Todavia, diferentemente do que nos é apresentado na orelha do livro, não é a partir de sua existência material que Salvador se concretiza durante nossa leitura, mas sim através da tentativa de iluminar relações e trocas sociais na cidade, sem recorrer a grandes esquemas interpretativos.

- 3 “Alimentar a cidade não trata exatamente de comida, nem é uma história da alimentação. Antes, revela as relações na sociedade colonial com base no comércio de comida”. Graham tenta nos mostrar então, que através de fontes históricas pouco usuais foi possível encontrar “uma notável elasticidade das categorias sociais, com muita nuance, negociação e flexibilidade” (p. 27). Esta afirmação se constrói assim como fio que perpassa toda a narrativa do livro. Contudo, somente ao longo de vários capítulos compreendemos que esse fio condutor da obra é na verdade sua principal tese e objeto de estudo, e não a alimentação, seus gêneros e as relações que sua materialidade cria.
- 4 O livro organiza-se em doze capítulos, incluindo nestes as considerações finais. O primeiro capítulo, “A cidade numa baía”, apresenta a cidade de Salvador enquanto “cenário para vida das pessoas sobre as quais [o autor] escreve” (p. 30). Fica clara a habilidade historiográfica de Graham que nos introduz à vida em Salvador passeando narrativamente por fontes históricas, por memórias pessoais do autor e pelo próprio presente da escrita. É principalmente através de relatos de viajantes de diferentes épocas que somos aclimatados à cidade. No entanto, apesar de propor logo no início de sua obra evitar categorizações *a priori* acerca dos indivíduos, é utilizada uma gama de classificações sem o cuidado de explicitar se essas são categorias nativas ou do próprio autor. Escravos, africanos, negros, não brancos e pessoas de cor são algumas das possibilidades de denominação acerca da categoria de raça, usada no livro de maneira indistinta, que, na tentativa de evitar determinismos mostrando que certas categorias são fluidas e negociáveis, acabam por generalizar certas relações.
- 5 Neste primeiro capítulo, Graham introduz a ideia, que vai tomando corpo ao longo de sua obra, de que “a variedade e complexidade das relações sociais na Salvador do fim do século XVIII e começo do século XIX são notáveis” (p. 44). Através da análise do comércio dos alimentos, o autor busca pensar como os indivíduos atravessam fronteiras da hierarquia e estrutura social, nas quais “as transações diárias entre centenas de participantes impossibilitavam totalmente a imposição de disciplina e de um rígido tratamento diferencial” (p. 45). Para o autor, “a flexibilidade da estrutura social era o segredo de sua longevidade” (p. 45), e “o comércio de gêneros alimentícios oferece[ria] uma lente pela qual se pode examinar mais de perto o funcionamento de uma sociedade hierarquizada, as conexões e os conflitos entre seus estratos, a busca de identidade, a contestação de lugar e a vitalidade de empreendimentos comerciais” (p. 59).
- 6 Com o capítulo 2 se inicia a “Parte I: O pequeno comércio de gêneros”, na qual histórias de vendedores ambulantes e merceeiros são contadas através de registros de inventários de bens *post mortem* e outros documentos. Utilizando de histórias de personagens que reaparecem ao longo de todo o livro, Richard Graham parece buscar neste capítulo acessar os modos de vida e tipificar, de certa maneira, quem eram as pessoas que se relacionavam com o comércio de gêneros alimentícios. A figura de Ana

de São José Trindade se torna o principal artifício usado pelo historiador para construir sua tese acerca da fluidez das fronteiras da estrutura social. Escrava, analfabeta, nascida na África Ocidental, foi colocada por sua patroa como vendedora de comida na rua, conseguindo assim, comprar sua liberdade. No livro, encontramos informações que atestam que “o valor total de seus bens era impressionante” (p. 64) e sua história é utilizada pelo autor “como ponto de referência para avaliar a riqueza de outras pessoas que aparecem neste e em capítulos posteriores” (p. 64).

- 7 É sobre as ligações entre os diversos agentes do comércio de alimentos em Salvador que o terceiro capítulo é construído. Partindo do pressuposto de que “negociar, em si, já significava tecer redes de contatos, mas os envolvidos no comércio de alimentos não eram apenas criaturas econômicas” (p. 91), o autor tenta mostrar os laços, afinidade e redes daqueles que alimentavam a cidade. As certidões de casamentos, os apadrinhamentos e relações de patronagem, os laços de parentesco e vizinhança são descritos com o objetivo de mostrar como “uma ordem hierárquica estava sendo diariamente desfeita e restituída” (p. 103).
- 8 Ao tratar o porto de Salvador como o eixo de comércio de alimentos, nos é apresentado no capítulo 4 aqueles chamados por seus “contemporâneos” de “gente do mar”, construindo o argumento de que cada embarcação era “um microcosmos dessa sociedade, com uma hierarquia operante, sim, mas uma hierarquia na qual o delineamento de níveis era maleável e mutável” (p.125). Ao relatar os modos de vida dessa “gente” era possível perceber que “como acontecia em outros lugares do mundo atlântico, as diferenças sociais normais eram desfeitas, pelo menos durante a viagem, e níveis e status se entrecortavam” (p. 125). Dessa maneira Graham conclui que “a gente do mar desempenhava uma função crucial na vida cultural e até política de Salvador que ia muito além do sustento físico de seus habitantes” (p. 146).
- 9 Saindo do mar e indo em direção à terra, é no celeiro público e nas controvérsias de sua construção e usos que Richard Graham enfoca as descrições e problematizações do capítulo 5. Dando início a uma discussão que será mais aprofundada na segunda parte do livro, a construção do mercado público e aqueles que ali se relacionavam são apresentados como uma via de acesso para um questionamento de certas categorias sociais tais como raça, classe, sexo e etnicidade, tentando mostrar como essas são perpassadas por disputas políticas mais amplas, como a doutrina liberal e o protecionismo.
- 10 O caminho da carne (capítulo 6), da feira do gado ao açougue em Salvador, se mostra como principal recurso para introdução de uma discussão sobre escassez de alimentos como um sinal de perigo e insegurança. Neste capítulo, apesar de ser iniciado ressaltando a importância simbólica da carne de gado, é articulada uma reflexão sobre o controle público do comércio alimentício.
- 11 Chega-se assim ao capítulo 7, que trata das tensões que permeavam a sociedade soteropolitana a partir da descrição do fornecimento de carne, expondo como “distinções sociais desapareciam e alianças se formavam” (p. 189). Um evento considerado por Graham como a “primeira greve salarial do Brasil” (p. 203) se torna central no que o autor chama de ato de “forjar uma classe” (p. 204), mostrando como “em todo esse negócio do gado e da carne, indicadores raciais entrelaçavam-se com distinções sociais na forma complexa e amorfa ainda corrente no Brasil” (p. 206). Esse evento é então utilizado como conector com a segunda parte do livro, que trata das “novas regras: reforma e resistência”.

- 12 Organizado cronologicamente, a segunda parte do livro se inicia com o processo de Independência do Brasil, durante a qual houve um cerco à cidade de Salvador, local onde uma importante resistência do exército português se entrincheirava. O capítulo 8 trata do principal inimigo a ser enfrentado pelos dois lados da batalha : a fome. É no abastecimento dos insurgentes e na tentativa de deixar os portugueses sem comida que se focam as descrições deste capítulo, pois segundo Graham, a guerra girou em torno de alimentos.
- 13 O capítulo 9, intitulado "Tremores", pretende discutir as tensões subjacentes na sociedade soteropolitana que surgiram com a guerra de Independência e suas especificidades regionais. Houve uma ruptura em certas relações geradas pelos deslocamentos físicos e pelo transtorno geral da guerra que de certa forma "alteraram a percepção que as pessoas tinham das outras e de si mesmas" (p. 240) sendo nas relações raciais que estas tensões mais foram sentidas.
- 14 A importante influência do liberalismo de Adam Smith é colocada como discussão central do capítulo 10 que através da descrição da trajetória de pensadores brasileiros inspirados por Smith propõe pensar de que maneira essa doutrina política permeou estruturas, relações e indivíduos em Salvador. Todavia, é exatamente nas incongruências de tal permeabilidade de doutrina que se constrói o último capítulo (capítulo 11), tendo em vista que, para Robert Graham, "pôr em prática o liberalismo econômico depois da independência foi mais difícil do que os teóricos poderiam imaginar" (p. 291). A oposição entre o liberalismo econômico e o impulso hierárquico paternalista é apresentada através de uma complexa análise dos documentos acerca das políticas de controle do comércio alimentício.
- 15 O capítulo 12 trata das considerações finais, mostrando a importância das experiências de pessoas em relação ao que é chamado de uma "sociedade de ordens". Isso quer dizer, particularmente, que mesmo com uma "urdidura invisível" que tenta manter as pessoas em seu lugar, é possível perturbar essa "ordenação vertical da sociedade por contatos interpessoais, reversões de status, movimento físico e mobilidade social individual" (p. 315). Graham, em busca de realizar um importante deslocamento metodológico, afirma que essa plasticidade das estruturas pode ser até visualizada metaforicamente ao observarmos o arranjo físico da cidade. Isso porque mesmo parecendo que a cidade alta - dos escritórios governamentais, das igrejas barrocas e das elegantes casas de pedras - estava diametralmente distante da cidade baixa com suas vielas sujas, seu celeiro público, casas de comércio, molhes e trapiches, com uma mobilidade de pessoas que transitavam e criavam tais espaços, como vendedoras de ruas, os merceiros, donos de gados, açougueiros, homens do mar, entre outros.
- 16 Não obstante, é exatamente na construção deste tipo de análise que Robert Graham não confere tratamento tão robusto, como aquele dado às trajetórias de vida dos principais personagens de sua obra. Os próprios documentos utilizados como fonte não são problematizados ou ainda compreendidos como atores na construção da cidade de Salvador entre 1780 e 1860. Se com a proposta da Escola dos Anais, e com uma perspectiva da micro-história aprendemos que certos fundamentos morais e estruturas sociais se encontram precisamente nas pequenas coisas: a relação entre vizinhos, patrão e empregador, os detalhes cotidianos da existência social e a própria circulação e comércio de alimentos; aprendemos também que as relações são construídas na prática (Strathern, 2016) e as próprias estruturas são transformadas através de certas

conjunturas (Sahlins, 1980), sendo por isso a relação entre história e estrutura também passível de problematização.

- 17 Assim, ao realizar uma leitura desta obra, a partir de uma perspectiva antropológica não só da própria análise mas da construção dos objetos a serem estudados, o que se mostra pouco resolvido em "Alimentar a cidade" é justamente a relevância do enfoque no comércio de alimentos para tratar de relações sociais. Buscando falar 'através' da comida, mas se distanciando nas descrições da materialidade deste objeto, o autor parece criar generalizações sobre temas tão trabalhados na literatura brasilianista (por Freyre, 1922, 1933, 1936, 1937; Buarque de Holanda, 1936; Antonio Cândido, 1993, 1998). A descrição dos alimentos, suas trocas e as relações criadas a partir deles não levam em consideração a capacidade de agência destes objetos, tornando as descrições, que são ao mesmo tempo tão aprofundadas e capazes de adentrar vidas, meras ilustrações de grandes conclusões acerca de "hierarquia, raça, gênero e poder".
- 18 A força do texto, sem embargo, reside no modo em que Graham consegue passear pelo o presente etnográfico dos documentos por ele utilizados, tornando possível ao leitor vislumbrar a vida cotidiana em Salvador, mesmo que esse movimento não seja colocado como questão analítica. Todavia, a riqueza de detalhes em sua descrição se contrapõe com a forma abrupta em que certas conclusões generalizantes são expostas, perdendo a possibilidade de tratar de temas históricos tão amplos, como a ideia de classe e raça, através de relações entre pessoas, destas com objetos, e destes todos com contextos sociais mais amplos, tal qual é tão bem trabalhado nos textos de Anne Macclintock (2003).
- 19 Se o objetivo do livro não era, no entanto, tratar da comida enquanto ator na transformação e consolidação de certas estruturas e hierarquias, ou ainda realizar uma história da alimentação, esta obra se apresenta seguramente como uma compilação inestimável acerca do comércio de alimentos em Salvador. Sem dúvida, Robert Graham, com sua escrita detalhada dos modos de vida das pessoas que, de alguma maneira alimentavam a cidade, permite que adentremos certas relações sociais tão complexas e fluídas que de certo se perderiam na análise historiográfica e até mesmo antropológica focadas somente nas instituições ou nos grandes temas.

BIBLIOGRAFIA

- CANDIDO, Antonio. "A visão política de Sérgio Buarque de Holanda". In. Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil. Editora Fundação Perseu Abramo. 1998.
- "Dialética da malandragem". In: O discurso e a cidade. Livraria Duas Cidades. 1993.
- FREYRE, Gilberto. Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX. [1922]. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1964.
- Casa Grande & Senzala; Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. [1933]. 21 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

----- . Sobrados e Mucambos; Decadência do Patriarcado Rural e Formação do Urbano. [1936]. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

----- . Nordeste; Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade. Cad. Pagu [online]. 2003, n.20 [cited 2017-12-21], pp.7-85. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000100002&lng=en&nrm=iso>.

SAHLINS, Marshall. Ilhas de História. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1990.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. Raízes do Brasil. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978 [1936]

STRATHERN, Marilyn. Revolvendo as raízes da antropologia: algumas reflexões sobre "relações". Revista de Antropologia, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 224-257, June 2016. ISSN 1678-9857. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/116918>>.

AUTOR

LIS FURLANI BLANCO

Doutoranda em Antropologia Social – Unicamp
lisfblanco@gmail.com